

7

Experimentos de compreensão de modo

7.1

Experimento 3: Compreensão do subjuntivo

Os Experimentos 1 e 2 forneceram um panorama da aquisição do *modo* subjuntivo em termos de produção. O Experimento 3 foi elaborado com o intuito de investigar o processo de aquisição deste *modo* verbal em termos de compreensão, ou seja, a interpretação que a criança dá ao *modo* subjuntivo na interface semântica. De acordo com o estudo dos dados da produção espontânea e com os Experimentos 1 e 2, o infinitivo representa um meio de expressão do *modo irrealis* no PB, tanto quando o subjuntivo ainda não é produzido espontaneamente pela criança, como quando aquele se apresenta como uma alternativa produtiva a este, na língua.

O presente experimento visou verificar em que medida a criança compreende o subjuntivo como expressão do *modo irrealis* (em oposição ao *realis*) e sua equivalência ao infinitivo quando este se apresenta como alternativa ao primeiro.

Para este experimento, uma tarefa de julgamento de veracidade com perguntas SIM/NÃO foi criada. Esta fez uso de dois fantoches que afirmavam algo relativo ao que o outro deveria fazer, por meio de uma sentença-estímulo contendo uma oração principal com verbo de comunicação e uma oração completiva com verbo no infinitivo ou no subjuntivo – oração crítica. As perguntas SIM/NÃO focalizavam o evento apresentado pelo verbo da oração crítica. Nas perguntas, foram utilizados verbos no subjuntivo e no infinitivo, com vistas a eliciar respostas afirmativas, dada a equivalência entre subjuntivo e infinitivo na expressão do *modo irrealis*. Além destes, foram utilizados verbos no indicativo, de modo a eliciar repostas negativas, uma vez que o indicativo descreve uma ação necessariamente *realis*, opondo-se, desse modo, tanto ao subjuntivo quanto ao infinitivo da oração crítica.

Cabe aqui lembrar que, conforme visto no capítulo 2, o *modo* verbal impõe dificuldades à criança devido às distinções conceituais por ele expressas, bem

como a sua interação com a ToM. Assim sendo, cuidados especiais foram tomados no sentido de minimizar o efeito da ToM nos estímulos criados, bem como em sua apresentação. Assim, por exemplo, se para uma sentença do tipo “Eu disse pro Dedé pintar o desenho” fosse utilizada uma pergunta do tipo “O Dedé ainda vai pintar o desenho?”, a criança poderia fazer uma inferência não necessariamente adequada, uma vez que sendo dito ao Dedé para pintar o desenho, nada garantiria se ele executaria a ação ou não. Da mesma forma, para a sentença “Eu disse que a Lili guardasse a mochila”, a pergunta “A Lili já guardou a mochila?” poderia fazer com que a criança utilizasse seu conhecimento da vontade de outrem para inferir que a execução da tarefa dependeria da disposição do agente. A criança poderia, portanto, responder aleatoriamente aos estímulos. Desse modo, as frases foram cuidadosamente elaboradas a fim de evitar tal problema.

- Objetivo:

Verificar em que medida a criança compreende o subjuntivo como expressão do *modo irrealis* em oposição ao *realis* e a possibilidade de realização do *modo irrealis* por meio do infinitivo (equivalente ao subjuntivo).

É preciso ressaltar que essa compreensão, por parte da criança, envolve habilidades que não se sabe se a mesma domina completamente nesta idade, tais como: a compreensão de verbos de comunicação, a compreensão de orações completivas e o julgamento de veracidade. Assim sendo, este experimento é de cunho exploratório. Por meio deste, visa-se verificar se a metodologia utilizada permite a avaliação do grau de compreensão da criança.

- Design experimental:

As variáveis independentes deste experimento foram *idade* (5 e 7 anos) e *forma verbal* (infinitivo e subjuntivo) da oração crítica. O *design* é, portanto, fatorial (2 X 2), com *idade* como fator grupal e *forma verbal* como fator intra-sujeito.

Duas variáveis dependentes foram definidas: número de respostas SIM, corretas quando o verbo da pergunta encontra-se no infinitivo ou no subjuntivo; número de respostas NÃO, corretas quando o verbo da pergunta encontra-se no indicativo.

O Quadro 10 apresenta exemplos de estímulos nas condições experimentais definidas por *forma verbal*, com as perguntas SIM/NÃO correspondentes:

Condições experimentais	Estímulo	Pergunta
Infinitivo	Eu disse pra Lili <u>desenhar</u> uma flor.	O Dedé disse que a Lili <u>desenhasse</u> uma flor? (Resposta-alvo SIM)
	Eu disse pro Dedé <u>pintar</u> o desenho.	A Lili disse que o Dedé <u>pintou</u> o desenho? (Resposta-alvo NÃO)
Subjuntivo	Eu disse que o Dedé <u>comesse</u> o biscoito.	A Lili disse pro Dedé <u>comer</u> o biscoito? (Respostas-alvo SIM)
	Eu disse que a Lili <u>escovasse</u> os dentes.	O Dedé disse que a Lili <u>escovou</u> os dentes? (Resposta-alvo NÃO)

Quadro 10 – Exemplos de estímulos e condições experimentais do Experimento 3

MÉTODO:

- Participantes:

Foram testadas 42 crianças (20 meninos), divididas em duas faixas etárias:

- Grupo de 5 anos: 28 crianças com idade média de 5;3, sendo 14 meninos e 14 meninas.
- Grupo de 7 anos: 14 crianças com idade média de 7:1, sendo 6 meninos e 8 meninas.

Todos os participantes deste experimento pertencem a famílias de classe média e residem na Zona Sul do Rio de Janeiro. Nenhuma delas apresentava histórico familiar de déficit lingüístico.

- Material:

- 4 listas aleatorizadas com as condições experimentais propostas. Para a elaboração das listas, foram consideradas 2 sentenças infinitivas e 2 subjuntivas, além de 5 estímulos por condição, obtendo-se um total de 20 estímulos. As listas continham 5 blocos de 4 estímulos, cada bloco contendo duas instâncias de cada uma das duas condições experimentais com suas respectivas perguntas SIM/NÃO. As sentenças são as mesmas em todas as listas, todas controladas quanto ao número de sílabas;

- 1 fantoche “Dedé”;
- 1 fantoche “Lili”;
- 1 gravador digital do tipo MP3 Player da marca Dynacom.

- Procedimento:

A seleção de local e mobiliário apropriado à aplicação do experimento, na creche e a fase de ambientação entre experimentadora e criança deu-se de forma idêntica a dos experimentos anteriores. Em seguida, a tarefa era introduzida. Dois fantoches, “Dedé” e “Lili” eram apresentados. A experimentadora explicava à criança, então, que os dois fantoches eram irmãos e que um adorava “mandar” o outro fazer um “monte” de coisas. Dizia também que eles contariam a ela o que mandaram o outro fazer e que, em seguida, ela (a experimentadora) faria uma pergunta relacionada ao que os fantoches disseram. A criança só precisaria responder SIM ou NÃO. O teste era aplicado após a fase de pré-teste, na qual a criança precisava, apenas, demonstrar que entendeu como realizar a tarefa por meio das respostas SIM/NÃO. A experimentadora fazia então a voz do fantoche (Dedé ou Lili) para apresentar o estímulo e, com sua própria voz, fazia a pergunta relacionada. Deste modo, a criança poderia distinguir o que os fantoches disseram do que a experimentadora perguntava. A criança era estimulada pela experimentadora independentemente de a resposta estar certa ou errada. O procedimento durou cerca de 8 minutos por criança e todo o processo foi registrado com o auxílio de um gravador do tipo MP3.

- Resultados e discussão:

Foram conduzidas duas ANOVAs, em função das variáveis dependentes: número de respostas-alvo SIM e NÃO. Cada ANOVA seguiu o *design* fatorial 2 (*idade*) X 2 (*forma verbal*), no qual o primeiro fator é grupal e o segundo, medida repetida.

a) Análise das respostas SIM

Obteve-se um efeito principal de *forma verbal* ($F(1,40) = 8.65$ $p = .01$) (médias: 3.45 para o infinitivo e 3.79 para o subjuntivo), conforme demonstra o Gráfico 9:

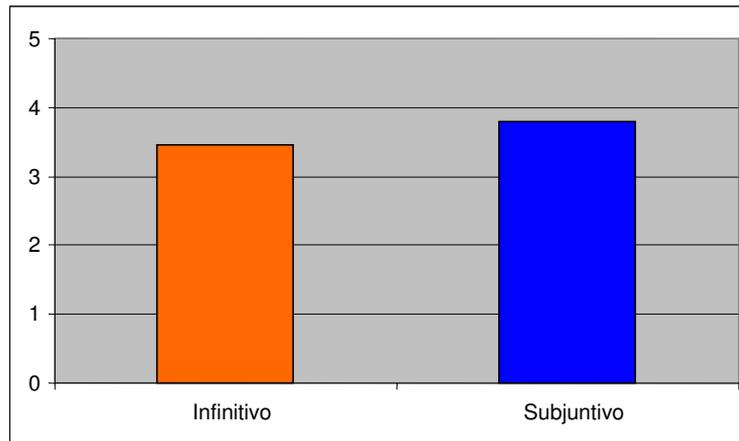


Gráfico 9 - Médias de respostas-alvo SIM (max score = 5)

Um maior número de respostas SIM, que atestam o reconhecimento da equivalência entre a *forma verbal* da pergunta (infinitivo/subjuntivo) e a *forma verbal* da oração crítica, foi obtido na condição subjuntivo, ou seja, na condição na qual a oração crítica se apresenta no subjuntivo e a pergunta é formulada com o infinitivo. Esse efeito principal deve-se, no entanto, ao comportamento das crianças de 7 anos, como evidencia o efeito significativo da interação entre *forma verbal* e *idade* ($F(1,40) = 11.10$ $p = .002$) (médias: 3.68 para o infinitivo aos 5 anos; 3.00 para o infinitivo aos 7 anos; 3.61 para o subjuntivo aos 5 anos e 4.14 para o subjuntivo aos 7 anos), demonstrado pelo Gráfico 10:

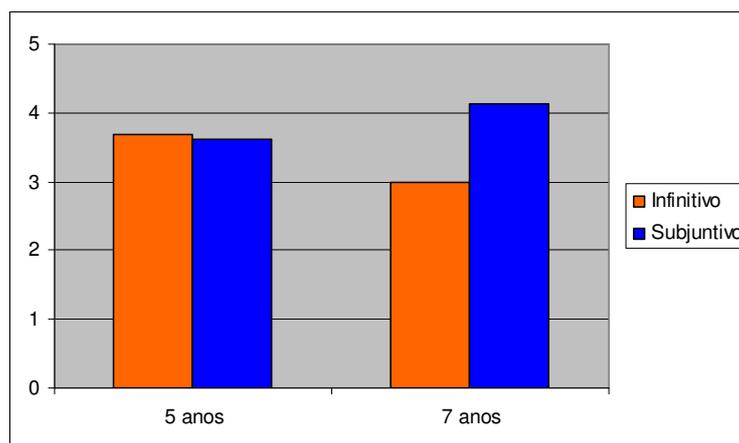


Gráfico 10 - Médias de respostas-alvo SIM em função de interação entre forma verbal e idade (max score = 5)

O gráfico acima demonstra que não há diferença entre as condições infinitivo e subjuntivo no grupo de 5 anos. No grupo de 7 anos, por outro lado, há mais respostas SIM na condição subjuntivo, ou seja, aquela na qual a oração crítica está no subjuntivo e pergunta equivalente, no infinitivo. Um teste-t *post hoc* foi aplicado de modo a verificar se havia diferença significativa entre os grupos etários nas condições infinitivo e subjuntivo, revelando que, em geral, não houve diferenças significativas entre os grupos em ambas as condições (cf. Tabela 9):

Condições	Diferenças	p (1 cauda)	Valor de t
Infinitivo	Diferença entre respostas SIM aos 5 e 7 anos	p = .15	t(df40) = 1,48
Subjuntivo	Diferença entre respostas SIM aos 5 e 7 anos	p = .18	t(df40) = 1,35
Infinitivo X Subjuntivo	Diferença entre respostas SIM aos 5 anos	p = .35	t(df 27) = 0,95
Infinitivo X Subjuntivo	Diferença entre respostas SIM aos 7 anos	p < .01	t(df13) = 3,53

Tabela 9 – Teste-t: diferenças entre respostas SIM em função de condição experimental e de idade

Uma única diferença significativa, contudo, foi verificada: aquela entre as respostas SIM entre as condições infinitivo e subjuntivo aos 7 anos, perceptível no gráfico 10. Esses resultados sugerem que, de modo geral, o desempenho nas idades de 5 e 7 anos é semelhante, mas que as crianças de 7 tiram mais proveito de uma pergunta no infinitivo, que remete à oração crítica no subjuntivo, o que pode indicar o início de uma maior desenvoltura no processamento de informação pertinente a *modo* verbal.

b) Análise das respostas NÃO

Obteve-se, apenas, um efeito principal de *idade* altamente significativo ($F(1,40) = 25.47$ $p < .00001$) (médias: 1.94 para os 5 anos e 4.89 para os 7 anos). Este efeito revela que, na tarefa como um todo, as crianças de 7 anos superaram as de 5 em termos de desempenho. O Gráfico 11 ilustra este ponto:

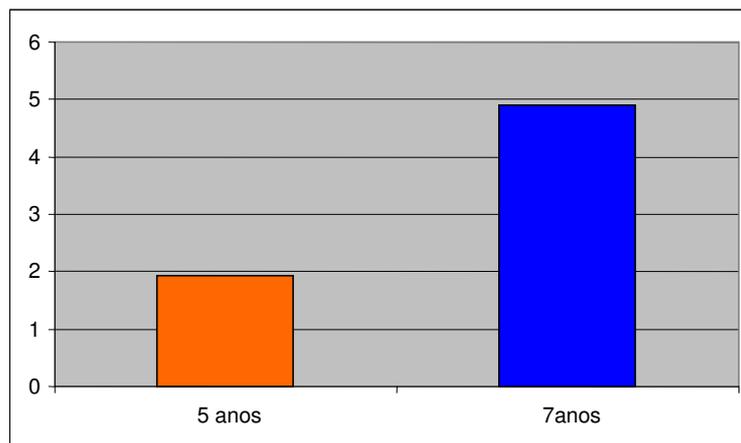


Gráfico 11 - Médias de respostas-alvo NÃO em função de idade (max score = 5)

Como se pode perceber, o desempenho das crianças de 7 anos com as respostas NÃO foi superior ao das crianças de 5. Se tal efeito for comparado à interação entre *forma verbal* e *idade*, encontrada com base nas respostas SIM, este resultado corrobora a idéia de que as crianças de 7 anos parecem estar entrando em uma fase de maior habilidade no processamento de *modo* verbal, uma vez que não só se mostraram mais eficientes na detecção da equivalência entre infinitivo e subjuntivo como expressão do *modo irrealis*, como também demonstraram distinguir perfeitamente significados *realis* de *irrealis*.

Uma questão que se coloca, então, é em que medida as crianças de 5 anos responderam às perguntas SIM/NÃO, diferentemente do nível de chance. Para avaliar tal ponto, um teste binomial foi utilizado. As crianças de 5 anos, obtiveram, para as respostas SIM, *z-scores* de 5,58 para a condição infinitivo e 5,24 para a condição subjuntivo (ambos acima do nível de chance com $p < .005$).

Para as respostas NÃO, os *z-scores* foram de 2,54 para o infinitivo e 2,70 para o subjuntivo, sendo ambos significativamente abaixo do nível de chance, ou seja, as crianças de 5 anos tendem a dar respostas SIM, independentemente do verbo da pergunta. Estes resultados estão em harmonia com a análise feita para as

respostas SIM e NÃO acima, uma vez que foi constatado que as respostas SIM são efetivamente mais utilizadas pelas crianças de 5 anos. Ao que parece, este grupo fez uso de uma estratégia de respostas (respondendo às perguntas, em sua maioria, com SIM) independentemente do tipo de pergunta, isto é, tanto para as que suscitavam a resposta SIM, quanto para as que suscitavam a resposta NÃO. Contudo, os resultados apontam para dificuldades apenas com as respostas negativas. Fica claro, então, que a equivalência infinitivo/subjuntivo como expressão do *modo irrealis* se mostra disponível para ambos os grupos etários, especialmente para o grupo de 7 anos, enquanto que, para o grupo de 5, a distinção *realis/irrealis* ainda apresenta dificuldades.

- Conclusões:

Diante dos resultados, percebe-se que ambos os grupos (em especial, as crianças de 7 anos) reconhecem a equivalência infinitivo/subjuntivo como expressão do *modo irrealis*. Contudo, a compreensão das crianças de 7 anos, quanto a esta equivalência, parece ter sido favorecida quando a oração crítica era apresentada no subjuntivo e a pergunta, no infinitivo.

Com relação à oposição *realis/irrealis*, as crianças de 7 anos apresentaram um ótimo desempenho, ao passo que as crianças de 5 pareceram fazer uso de uma estratégia de responder SIM, mesmo para as perguntas que remetiam a esta oposição, quais sejam, as que requeriam NÃO como resposta. Pode-se pensar que o uso da mencionada estratégia esteja relacionado ao fato de as respostas NÃO suscitarem maior demanda de processamento, uma vez que a criança precisa perceber a distinção de significados entre a sentença do estímulo (infinitivo/subjuntivo, portanto, *irrealis*) e a da pergunta (indicativo, *realis*). Em outras palavras, é possível que a criança utilize tal estratégia com o fim de evitar a resposta que demanda maior dificuldade de processamento em termos de compreensão.

Esta estratégia tanto pode indicar, contudo, que este grupo percebe razoavelmente a equivalência entre infinitivo e subjuntivo (como meios de expressão do *modo irrealis*), mas que tem dificuldade de processar as perguntas que acarretam respostas NÃO (correspondentes à oposição *realis/irrealis*) ou que adota essa estratégia em geral, tornando as respostas SIM pouco informativas.

Diante de tal constatação foi preciso, então, investigar o que levou as crianças a tal estratégia: se dificuldades relacionadas ao seu nível de desenvolvimento lingüístico ou se ao tipo de tarefa em si: julgamento de veracidade. Para tanto, decidiu-se fazer um *follow up* do Experimento 3, isto é, um quarto experimento foi elaborado.

7.2

Experimento 4 (follow up): Compreensão do indicativo (comparação *realis/irrealis*)

O Experimento 3 proporcionou informações acerca do comportamento da criança em face à distinção *realis/irrealis* e à equivalência infinitivo/subjuntivo na expressão do *modo irrealis*. Porém, diante da estratégia que parece ter sido utilizada pelas crianças de 5 anos, qual seja, a de responder às perguntas, em sua maioria, com SIM, surgiu a necessidade de verificar se o uso dessa estratégia decorre de demandas trazidas pelo *modo* subjuntivo ou, de forma mais ampla, pelo *modo irrealis*, ou se decorre da tarefa de julgamento de veracidade.

Para isso, foi concebido um *follow up* no qual apenas o *modo* indicativo foi utilizado. A idéia foi a de trabalhar com o indicativo, *modo* verbal assimilado pela criança desde tenra idade, com o fim de avaliar contrastes modais entre este experimento e o anterior, bem como o julgamento de veracidade da criança nesta tarefa.

Em primeiro lugar, criou-se uma linha de base para respostas SIM, correspondentes à constatação da equivalência entre a oração crítica e a pergunta, ambas no indicativo. Diferentemente do Experimento 3, a criança não tinha de verificar a equivalência entre formas verbais, apenas a equivalência das proposições.

Comparando-se as respostas SIM do Experimento 3 com as respostas SIM deste *follow up*, pôde-se prever que: se a criança utilizasse respostas SIM independentemente da natureza do estímulo, então não deveria haver diferença entre o número de respostas SIM das crianças de 5 anos no Experimento 3 e nesta condição. Se, contudo, as crianças fossem sensíveis à forma verbal, então, um maior número de respostas SIM deveria ser obtido com o *modo* indicativo do que com o infinitivo/subjuntivo.

Em segundo lugar, buscou-se verificar em que medida o número de respostas NÃO seria afetado pelo contraste entre *modos*. Para isso, perguntas com respostas-alvo NÃO no indicativo foram criadas em relação a estímulos com sentenças completivas também no indicativo (tais perguntas contrastavam ora o sujeito ora o tempo da oração completiva). O número de respostas NÃO a estas perguntas foi comparado com o número de respostas NÃO para perguntas com contraste entre o indicativo e o infinitivo/subjuntivo no Experimento 3.

Se a demanda do contraste de forma verbal afetasse o número de respostas NÃO, esperar-se-ia maior número de respostas NÃO com perguntas no indicativo. Se, do contrário, a negação, em si, comprometesse o desempenho da criança, então não haveria diferença em função de forma verbal.

Assim, para o Experimento 4 (*follow up*), a tarefa foi elaborada de forma que tanto as sentenças-estímulo, como as perguntas apresentassem verbos no pretérito perfeito do indicativo nas orações principais e nas encaixadas¹. O verbo da oração principal nas sentenças-estímulo foi sempre *contar* e nas perguntas, *dizer*. As perguntas feitas às crianças visavam checar seu entendimento quanto à equivalência entre a proposição da oração completiva do estímulo (oração crítica) e a da pergunta para as respostas SIM e seu entendimento quanto ao contraste entre essas proposições para as respostas NÃO.

Exemplo de estímulos para respostas SIM:

Estímulo	Pergunta
Eu contei pro papai <u>que a Lili assustou o gato</u> .	O Dedé disse <u>que a Lili assustou o gato?</u> (Resposta-alvo SIM)
Eu contei pro papai <u>que o Dedé desligou a TV</u> .	A Lili disse <u>que o Dedé desligou a TV?</u> (Resposta-alvo SIM)

Quadro 11 – Exemplos de estímulos e perguntas do Experimento 4 para respostas SIM

Exemplos de estímulos para respostas NÃO, contrastando o sujeito ou o tempo da oração completiva:

¹ Exceto para as respostas NÃO, em que um dos tipos de pergunta contrasta o tempo verbal da oração completiva do estímulo (no passado), com o tempo verbal da oração completiva da pergunta (no futuro).

Condições experimentais	Estímulo
Eu contei pra mamãe que a <u>Lili</u> pisou no caderno.	O Dedé disse que <u>ele</u> pisou no caderno? (Resposta-alvo NÃO)
Eu contei pra mamãe que o Dedé <u>rasgou</u> a revista.	A Lili disse que o Dedé <u>vai rasgar</u> a revista? (Resposta-alvo NÃO)

Quadro 12 – Exemplos de estímulos e perguntas do Experimento 4 para respostas NÃO

- Objetivo:

Verificar a compreensão da criança quanto ao indicativo, *modo* verbal já consolidado aos 5 e aos 7 anos, de modo a testar os contrastes modais entre os Experimentos 3 e 4 e o julgamento de veracidade no presente experimento.

- Design experimental:

- **Teste-t 1:** Respostas SIM para o indicativo no *follow up* em contraste com respostas SIM para o infinitivo ou o subjuntivo no Experimento 3;
- **Teste-t 2:** Respostas NÃO para o indicativo no *follow up* em contraste com respostas NÃO para o infinitivo e o subjuntivo no Experimento 3;
- **Teste-t 3:** Respostas NÃO para o indicativo com contrastes de sujeito e de tempo.

- Previsões:

Conforme a descrição acima, previu-se que, um número equivalente de respostas SIM entre os Experimentos 3 e 4 seria obtido se a criança não percebesse as distinções de formas verbais entre os estímulos dos dois testes. Caso contrário, um maior número de respostas SIM no Experimento 4 seria esperado.

De forma idêntica, se as respostas NÃO demandassem maior dificuldade de processamento independentemente de formal verbal, esperava-se um número equivalente de tais respostas nos dois testes. Caso contrário, um maior número seria esperado no Experimento 4, que apresenta menor demanda de processamento, se comparado ao Experimento 3.

MÉTODO:

- Participantes:

Participaram deste experimento 28 crianças (12 meninos), divididas em duas faixas etárias:

- Grupo de 5 anos: 14 crianças com idade média de 5;0, sendo 6 meninos e 8 meninas
- Grupo de 7 anos: 14 crianças com idade média de 7;1, sendo 6 meninos e 8 meninas.

Todas as crianças que participaram deste experimento, exceto uma criança de 5 anos, de mesmo grupo social das demais, fizeram parte do experimento anterior.

- Material:

- 4 listas com as condições experimentais devidamente aleatorizadas. Para fins de elaboração das listas, foram considerados 5 blocos de 4 sentenças no indicativo (tanto na oração matriz quanto na encaixada), perfazendo um total de 20 estímulos, cada qual com sua respectiva pergunta. As sentenças, controladas quanto ao número de sílabas, foram as mesmas para todas as listas;
- Demais materiais: idênticos aos do Experimento 3.

- Procedimento:

O procedimento deste experimento foi idêntico ao do Experimento 3, exceto com relação à explicação da tarefa. Neste, foi dito que os dois fantoches (irmãos) adoravam contar tudo o que o outro fazia para o “papai” e para a “mamãe”. Foi dito, também, que os fantoches contariam à criança tudo o que haviam contado ao “papai” e à “mamãe” sobre o(a) seu(sua) irmão(irmã) e que a experimentadora faria, em seguida, uma pergunta a ela (à criança) sobre o que os fantoches disseram, à qual ela responderia SIM ou NÃO.

Tudo o mais foi idêntico ao Experimento 3, inclusive a duração do procedimento.

- Resultados e discussão:

As respostas SIM e NÃO do Experimento 4 (indicativo) e as do Experimento 3 (infinitivo/subjuntivo) foram submetidas a testes-t, que retornaram os seguintes resultados (cf. Tabela 10):

Idade	Resposta	p (1 cauda)	Valor de t
5 anos	SIM	p = .04	t(df40) = 2,12
	NÃO	p = .14	t(df40) = 1,52
7 anos	SIM	p < .01	t(df13) = 3,24
	NÃO	p = .27	t(df13) = 1,14

Tabela 10 – Teste-t: diferenças entre as respostas SIM e NÃO nos Experimentos 3 e 4

Como se pode observar, houve diferenças significativas entre os resultados dos Experimentos 3 e 4 para as respostas SIM, isto é, tanto aos 5, como aos 7 anos de idade, o desempenho para o indicativo foi superior àquele para o infinitivo e o subjuntivo. Para as respostas NÃO, não houve diferenças significativas entre os dois experimentos para nenhum dos dois grupos etários, sendo que no grupo de 7 anos, as respostas chegam quase ao teto (*ceiling*) em ambos os experimentos, e no grupo de 5 anos, o número de respostas-alvo NÃO é pequeno mesmo para o *modo* indicativo. As médias obtidas pelas respostas-alvo SIM e NÃO em ambos os experimentos podem ser vistas nos Gráficos 12 e 13 abaixo:

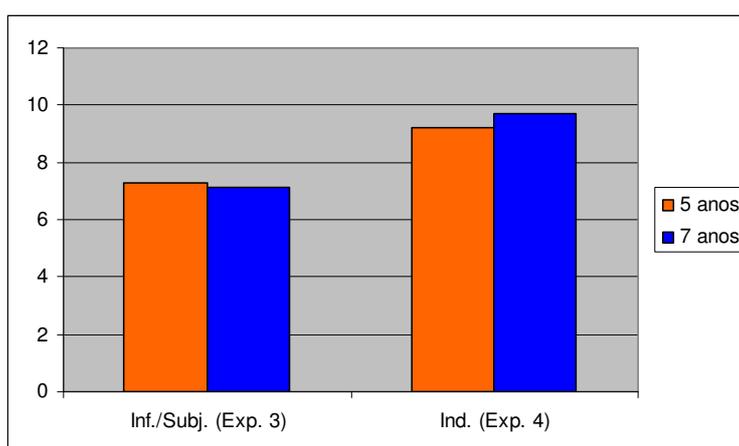


Gráfico 12 – Médias de respostas-alvo SIM nos Experimentos 3 e 4 em função de idade
(max score = 10)

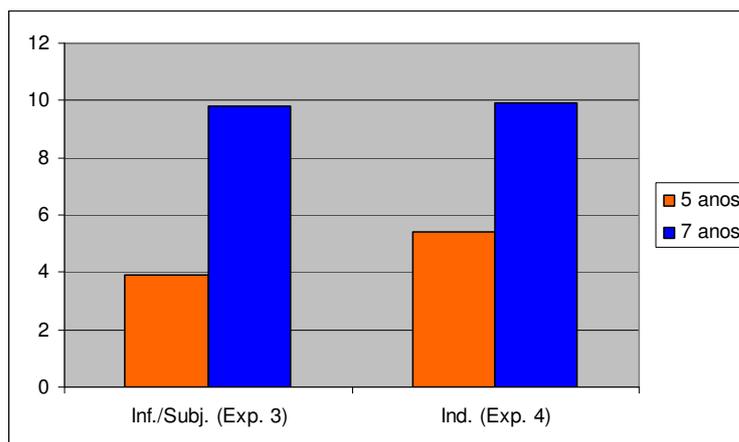


Gráfico 13 – Médias de respostas-alvo NÃO nos Experimentos 3 e 4 em função de idade
(max score = 10)

Ainda no que diz respeito às respostas NÃO, outro teste-t foi empregado, tendo em vista que dois tipos de perguntas foram utilizados: um em que se contrastava o sujeito da completiva da pergunta com o da oração crítica; outro em que o tempo verbal da oração completiva da pergunta era futuro em contraste com o tempo passado da oração crítica. Buscou-se, então, verificar se o contraste entre os sujeitos das orações completivas seria mais ou menos difícil do que o contraste de tempo entre elas. A Tabela 11 apresenta os resultados:

Idade	p (2 caudas)	Valor de t
5 anos	p = .20	t(df13) = 1,35
7 anos	p = .34	t(df13) = 1.00

Tabela 11 – Diferenças entre as respostas NÃO em função dos contrastes de sujeito e de tempo

Nenhuma diferença significativa foi encontrada para os mencionados contrastes. O Gráfico 14 ilustra as médias entre os dois tipos de contrastes para as respostas NÃO:

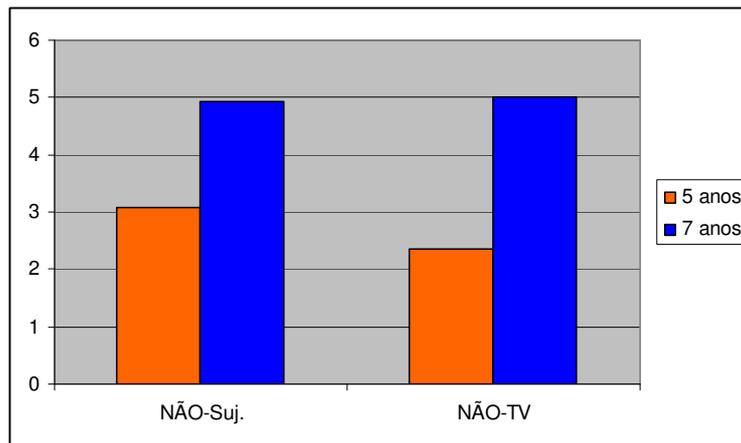


Gráfico 14 – Médias dos contrastes de sujeito e de tempo verbal (TV) em função de idade

- Conclusões:

Para as respostas SIM, o Experimento 4 demonstrou que as crianças de ambos os grupos foram sensíveis à forma verbal, uma vez que um maior número dessas respostas foi obtido para a condição indicativo do que para as condições infinitivo/subjuntivo. Para as respostas NÃO, por outro lado, enquanto as crianças de 7 anos apresentam um ótimo desempenho, as de 5 insistem no uso da mesma estratégia observada no Experimento 3, qual seja, a de substituir as respostas NÃO por SIM.

Assim sendo, um levantamento da porcentagem de crianças que participaram de ambos os experimentos e que responderam apenas ou predominantemente SIM ou NÃO para todas as sentenças (indicativas e subjuntivas) foi feito. De acordo com a tabela 12, abaixo, observa-se que a maioria das crianças de 5 anos fez uso da estratégia SIM, ao passo que as de 7 não fazem uso da mesma. Apenas no Experimento 3 a estratégia NÃO foi observada. Entretanto, as porcentagens mostram-se irrisórias (cf. Tabela 12):

Experimento	Idade	% de crianças que fizeram uso da estratégia de resposta SIM	% de crianças que fizeram uso da estratégia de resposta NÃO
Experimento 3	5 anos	61,5% (8/13)	15,4% (2/13)
	7 anos	0% (0/14)	14,3% (2/14)
Experimento 4	5 anos	61,5% (8/13)	0% (0/13)
	7 anos	0% (0/14)	0% (0/14)

Tabela 12 – Percentual de crianças que utilizaram estratégias de resposta SIM/NÃO

Estes percentuais evidenciam que as crianças de 5 anos têm dificuldades em responder NÃO. Por meio deste *follow up* ficou constatado que a negação, em si, se apresenta como um problema para este grupo etário, independentemente do modo verbal, uma vez que não houve diferença significativa entre as respostas NÃO dos dois experimentos. Em outras palavras, até mesmo com o indicativo, forma verbal já consolidada, as crianças de 5 anos demonstraram dificuldades com as respostas negativas.

A literatura aponta para a crença comum de que crianças pequenas tenham uma forte tendência para responder SIM quando submetidas a perguntas do tipo SIM/NÃO. Algumas pesquisas, contudo, exibem resultados conflitantes que, ao que parece, se devem ao tipo de tarefa. De acordo com Fritzley & Lee (2003), tarefas que envolvam perguntas SIM/NÃO só são adequadas para crianças a partir dos 4 anos de idade. Neste estudo, os autores constataram que as crianças demonstram tendências diferentes de respostas para perguntas SIM/NÃO, tendências estas que diferem dramaticamente em função da idade. De qualquer forma, o que fica claro é que as crianças tendem a dar respostas tendenciosas sempre que não compreendem bem a pergunta.

Os Experimentos 3 e 4 se encontram, portanto, compatíveis com a literatura.